

Leia, copie,
distribua.

PELO FIM DO CAPITALISMO

pela liberdade de mulheres, homens e outros animais.



Extratos do livro Days of War, Nights of Love, do Coletivo CrimethInc.







O que é isso que chamam de capitalismo?

Capitalismo. Tem a ver com democracia, certo?

(E não são os inimigos do capitalismo, os oponentes da democracia ? Eles não foram derrotados na Guerra Fria ?)

Na verdade, capitalismo e democracia são duas coisas bem diferentes. Democracia é, essencialmente, a idéia de que as pessoas devem ter controle sobre suas vidas, de que o poder deve ser compartilhado por todos e não ser concentrado nas mãos de poucos. Capitalismo é uma coisa completamente diferente disso.

Nos Ocidente, nós estamos acostumados a ouvir que vivemos numa sociedade democrática. É verdade que nós temos uma governo que se autoproclama democrático (embora valha a pena nos perguntarmos se cada um

nós realmente tem influências iguais, ou até mesmo alguma influência, nessa inchada e atrofiada "democracia representativa"), mas se nossa sociedade em si é democrática é completamente uma outra questão. O governo compõe somente uma parte da sociedade, é claro; e está longe de ser a mais importante quando se considera o dia-a-dia da pessoas. O sistema econômico de qualquer sociedade tem mais influência sobre a vida diária dos indivíduos do que qualquer corte ou congresso poderia ter, pois é a economia que determina quem tem controle sobre as terras, recursos e instrumentos da sociedade, que determina o que as pessoas devem fazer todo dia para sobreviver e "progredir", e no final das contas como essas pessoas interagem umas com as outras e como enxergam o mundo.

E capitalismo é, de fato, um dos sistemas econômicos menos democráticos. Em uma economia "democrática", cada membro da sociedade teria influência igual para dizer como os recursos são usados e como o trabalho é feito. Mas na economia capitalista, em que todos recursos são propriedade privada e todo mundo compete contra os outros em busca desses recursos, estes acabam sob o controle de poucas pessoas (hoje em dia, leia-se: corporações). Essas pessoas podem decidir como todos os outros vão trabalhar, já que esses não podem viver sem ganhar dinheiro daqueles. Eles conseguem até determinar a paisagem física e psicológica da sociedade, já que eles possuem a maior parte das terras e controlam a maioria dos meios de comunicação. E no fundo, eles também não estão controle, pois se deixarem suas guardas baixas e pararem de se esforçar para ficar à frente, eles vão rapidamente estar na parte de baixo da pirâmide com todo mundo. Isto quer dizer que ninguém, de fato, tem liberdade num sistema capitalista: todo mundo está igualmente à mercê das leis de competição.



capital: riqueza (dinheiro, propriedade ou mão-de-obra)... que pode ser usada para criar mais riqueza. exemplo: donos de fábricas que lucram vendendo produtos criados pelo esforço de trabalhadores nas suas fábricas podem comprar mais fábricas.

capitalismo: a "livre troca de bens e serviços"... com os quais aqueles que possuem capital são capazes de acumular mais, às custas dos que não possuem.

Como o capitalismo funciona?

Assim é como o livre-mercado deveria funcionar: as pessoas são livres para irem atrás de suas fortunas como quiserem. E aquelas que trabalharem com mais afinco e produzirem mais riquezas para a sociedade serão as mais bem recompensadas. Mas esse sistema tem uma falha crucial: não oferece oportunidades iguais a todos. Sucesso no livre-mercado depende quase inteiramente de quanta riqueza você já possui.

Quando o capital é propriedade privada, as oportunidades de um indivíduo de aprender, trabalhar e ganhar riqueza são diretamente ligadas à quantidade de riqueza que você tem. Algumas bolsas escolares não tem como compensar isso. É necessário uma quantidade razoável de recursos para produzir alguma coisa de valor, e se uma pessoa não tem ela mesma esses recursos, ela se encontra à mercê dos que possuem. Enquanto isso, aqueles que já tem esse recursos conseguem criar mais e mais riqueza, e eventualmente a maior parte da riqueza da sociedade acaba nas mãos de poucas pessoas. Isto deixa todos os outros com pouco capital para vender, a não ser, a própria mão-de-obra, a qual eles devem vender aos capitalistas (aqueles que controlam a maior parte dos meios de produção) para sobreviver.

Isso parece confuso, mas na verdade é bem simples. Uma corporação como a Nike tem bastante dinheiro sobrando para abrir uma nova fábrica de tênis, comprar espaço publicitário, e vender mais tênis, assim ganhando mais dinheiro para reinvestir. Um pobre coitado, como você, mal tem dinheiro suficiente para abrir uma banca de refrescos, e mesmo se tivesse, provavelmente seria levado à falência por uma empresa maior e mais estabelecida como a Pepsi, que tem mais dinheiro para gastar em promoção (claro que existem histórias de sucesso de pequenos empreendedores que venceram a concorrência, mas você consegue ver porque isso geralmente não acontece). As probabilidades são que, se você precisa ganhar dinheiro para "viver", você vai acabar trabalhando para eles. E assim, trabalhando para eles, você reforça o poder deles: pois embora eles te paguem por seu trabalho, você pode ter certeza eles não estão te pagando o valor total: é assim que eles têm lucro. Se você trabalha em uma fábrica e produz mercadorias que valem R\$ 300,00, você provavelmente recebe apenas R\$ 30,00 ou menos por aquele dia de trabalho. Isso quer dizer que alguém está colocando dinheiro no bolso graças aos seus esforços; e por mais tempo que fizerem isso, mais riqueza e oportunidades eles têm às suas custas.

Como isso afeta a pessoa comum?

Isto significa que o seu tempo e sua energia criativa estão sendo comprados de você, o que é o pior de tudo isso. Quando tudo que você tem para vender, em troca de sobrevivência, é seu próprio trabalho, você é forçado a vender sua vida, em prestações, apenas para existir. Você acaba passando a maior parte da sua vida fazendo aquilo que pague o maior valor possível, ao invés daquilo que você realmente quer: você troca seus sonhos por salários e sua liberdade de viver por coisas materiais. No seu tempo livre, você consegue comprar de volta o que você produziu durante o expediente de trabalho (com lucro para seu empregador, claro); mas você nunca pode comprar de volta o tempo que você passou trabalhando. Essa parte da sua vida já era e você não ficou com nada para mostrar exceto as contas que foi capaz de pagar.

Finalmente, você começa a pensar que suas habilidades creativas e força de trabalho estão além do seu controle, pois você começa a associar o ato de fazer qualquer coisa, exceto "relaxar" (recuperar do trabalho), com o sofrimento de fazer o que você é mandado ao invés do que deseja. A idéia de agir por iniciativas próprias e de perseguir

Você pode gastar seu tempo, como dinheiro?



os próprios objetivos não mais lhe ocorrem, exceto nas horas dos seus hobbies.

Sim, existem umas poucas pessoas que encontram maneiras de serem pagas para fazer exatamente o que sempre quiseram. Mas quantos trabalhadores você conhece que se encaixam nessa categoria? Esses raros e sortudos indivíduos são exibidos como prova de que o sistema funciona, e nós somos aconselhados a trabalhar bastante e com afinco, para que um dia nós possamos ter tanta sorte como eles têm. A verdade é que, simplesmente, não existem vagas de trabalho suficiente para todo mundo ser astro de rock ou

cartunista; alguém tem que trabalhar nas fábricas para produzir em massa os CDs e jornais. Se você não consegue se tornar o próximo jogador de basquete do momento e, ao invés disso acaba trabalhando como vendedor de tênis esportivos em um shopping, você deve não ter tentado o bastante... então a culpa é sua se você fica entediado lá, certo? Mas não foi sua a idéia de que deveriam existir mil vendedores para cada jogador profissional de basquete. Se você for culpado por alguma coisa, só pode ser por aceitar uma situação que oferece tão poucas chances.

Ao invés de todos competirem para ser aquele no topo dos degraus corporativos, nós deveríamos estar tentando descobrir como seria possível para que todos nós façamos o que gostaríamos com nossas vidas. Mesmo que você seja sortudo o bastante para chegar no topo, o que resta para os milhares e milhares que não conseguem chegar lá - os infelizes funcionários de escritórios, os artistas fracassados, os letárgicos "cozinheiros" de grelha e as camareiras de hotel que já não agüentam mais? É do seu maior interesse viver em um mundo cheio de pessoas que não são felizes, que nunca conseguiram perseguir os próprios sonhos... que talvez nunca puderam até ter sonhos?



O que o capitalismo faz as pessoas valorizarem?

Como a Jeanette escreve em seu artigo sobre produto e processo, sob o capitalismo, nossas vidas acabam girando em volta de coisas, como se a felicidade fosse encontrada em nossos bens, ao invés de ser encontrada em agir e atuar livremente. Aqueles que têm riquezas, as possuem porque passaram muito tempo e energia descobrindo como as de outras pessoas. E aqueles quem possuem pouco, precisam passar a maior parte de suas vidas trabalhando para conseguir o que necessitam para sobreviver. E tudo que eles têm como consolação pela vida de trabalho pesado e pobreza são algumas poucas coisas que conseguiram comprar - já que suas próprias vidas lhes foram compradas. Entre essas duas classes sociais estão os membros da classe média, os quais foram bombardeados, desde o nascimento, por anúncios e diversas propagandas proclamando que felicidade, juventude, respostas e todo o resto na vida se encontram em bens e símbolos de prestígio. Eles aprendem a passar a vida se

matando de trabalho para acumular essas coisas, ao invés de aproveitar quaisquer chances que eles tenham para buscar aventura e prazer.

Assim, o capitalismo centra os valores de todo mundo em volta do que eles têm, e não do que eles fazem, fazendo com que eles passem suas vidas competindo por coisas que precisam para sua sobrevivência e para conseguir status social. É mais provável que as pessoas encontrem felicidade em uma sociedade que os encoraja a valorizar suas habilidades de agir livremente e fazer o que querem acima de tudo. Para criar tal sociedade, nós vamos ter que parar de competir por controle e riqueza, e começar a compartilhá-los mais livremente. Somente então, todos estarão completamente livres para escolher a vida que eles mais querem viver, sem medo de passar fome ou ser excluído da sociedade.

***Eles estão comprando a sua
felicidade de você — roube-a
de volta!***

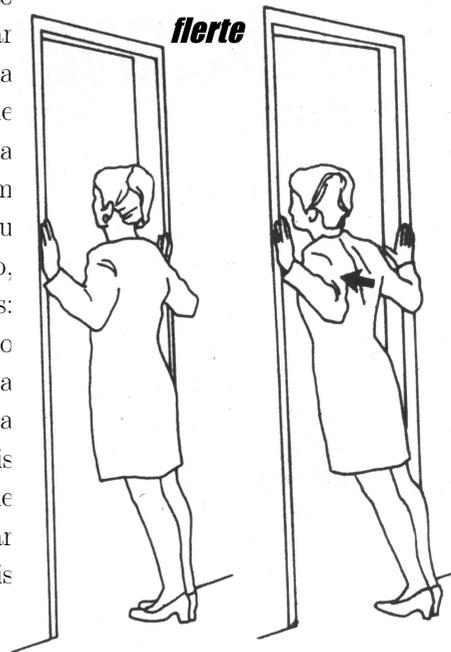


Mas a competição não leva à produtividade?

Sim, e esse é o problema. A competitiva economia de livre-mercado não apenas encoraja produtividade a qualquer custo, mas a força: pois aqueles que não ficam na frente da concorrência são atropelados. Tudo isso a que custo? Primeiro, há as longas horas que passamos no trabalho: quarenta,

cinquenta, às vezes até sessenta horas por semana, sob ordens de chefes e/ou clientes, trabalhando até que estejamos bem mais que exaustos na corrida para "ficar à frente". Ainda por cima, existem os baixos salários que somos pagos: a maioria de nós não recebe nem perto do suficiente para que possa arcar por uma fração de todas as coisas que a nossa sociedade tem para oferecer, embora seja o nosso trabalho que as torna possíveis. Isso acontece porque no mercado competitivo, o trabalhadores não são remunerados o que "merecem" pelo seu trabalho — eles são pagos a menor quantidade que o seu empregador pode pagar sem que eles abandonem o posto para procurar melhores salários. Esta é a "lei" da oferta e demanda. O empregador tem que fazer isso, porque eles precisa economizar tanto capital extra quanto pode, para marketing, expansão corporativa e outras maneiras de tentar se manter na frente da concorrência. Caso contrário, ele pode não ser um empregador por muito mais tempo, e seus empregados vão acabar trabalhando para um mestre mais "competitivo".

Existe uma palavra para essas longas horas e salários injustos: exploração. Mas esse não é o único custo da "produtividade" que o nosso sistema competitivo encoraja: os empregadores têm que economizar também em umas outras mil maneiras: essa é a razão, por exemplo, que o nosso ambiente de trabalho é geralmente inseguro. E se for necessário fazer coisas que são ecologicamente destrutivas para ganhar dinheiro e continuar produtivo, um sistema econômico que recompensa a produtividade acima de tudo não dá às corporações nenhuma razão para evitar esmagar a vida selvagem para ganhar um troco. Foi isso que aconteceu com nossas florestas, com a camada de ozônio, com centenas de espécies de animais selvagens: eles foram destruídos na nossa corrida pelo "progresso". No lugar das florestas, nós agora temos shopping centers e postos de gasolina (sem mencionar a poluição do ar), pois é mais importante ter lugares para o comércio do que preservar ambientes de paz e beleza. No lugar dos cervos e dos bem-te-vis, temos animais



trancafiados para a criação intensamente industrializada, transformados em máquinas de leite e de carne... e cantando nos desenhos da Disney, a coisa mais próxima de animais selvagem que alguns de nós chega a ver. Nosso sistema econômico competitivo nos força a substituir tudo que é livre e bonito pelo que é eficiente, uniforme e lucrativo.

Isto não se limita aos nossos próprios países e culturas, claro. O capitalismo e seus valores se espalharam por todo o mundo como uma doença. Empresas concorrentes têm que continuar aumentando seus mercados para se manterem no mesmo nível umas com as outras; esta é a razão pela qual você encontra Coca-Cola no Egito e McDonalds na Tailândia. Por toda história podemos ver exemplos de como corporações capitalistas forçaram sua

COMPETIÇÃO SIGNIFICA QUE NÓS NÃO TEMOS O PODER DE NOS REUNIR E DECIDIR O QUE SERIA MELHOR PARA NÓS MESMOS E PARA O MUNDO COMO UM TODO; NÃO TEMOS NEM MESMO PODER DE DECIDIR ESSAS COISAS COMO INDIVÍDUOS. PELO CONTRÁRIO, OS PROJETOS QUE NOSSA ESPÉCIE EMPREENDE E AS MUDANÇAS QUE NÓS FAZEMOS NO MUNDO SÃO DECIDIDOS PELAS LEIS DA COMPETIÇÃO, POR QUALQUER COISA QUE VENDA MAIS.

entrada de país em país, sem hesitar no uso de violência onde consideravam necessário. Hoje, os seres humanos vendem seu trabalho para corporações multinacionais, geralmente por menos de um dólar por hora, em retorno pela oportunidade de ir atrás das imagens de riqueza e status que essas corporações utilizam para provocá-los. A riqueza que o trabalho deles cria é sugada de suas comunidades para dentro dos bolsos dessas empresas, e, em troca, suas culturas únicas são substituídas pela monocultura padrão do consumismo Ocidental. Pela mesma razão, as pessoas nesses países quase não podem não ser competitivos e "produtivos" do mesmo jeito que aqueles que os exploram são. Conseqüentemente, o mundo inteiro está sendo padronizado sob um sistema, o sistema capitalista... e está ficando difícil para as pessoas imaginar outras maneiras de fazer as coisas.

Então — que tipo de produtividade a competição encoraja? Apenas

produtividade material — isto é, lucro a qualquer custo. Nós não temos produtos de maior qualidade, pois é do maior interesse do fabricante que voltemos para comprar deles de novo quando nossos carros e aparelhos de som estragarem depois de alguns anos. Nós também não temos os produtos que são os mais relevantes para nossas vidas e para nossa felicidade: temos os produtos que são os mais fáceis e lucráveis de vender. Nós temos empresas de cartão de crédito, operadores de telemarketing, correspondências não desejadas, cigarros cuidadosamente criados para conter oito diferentes aditivos químicos. A fim de que uma empresa venda mais que seus concorrentes, nós acabamos passando nossas vidas trabalhando para desenvolver, produzir em massa e comprar coisas como trituradores de pia, conveniências que aumentam nosso padrão de sobrevivência sem, na verdade, melhorar nossa qualidade de vida. Muito mais que melhores liqüidificadores, videogames ou batatas fritas, nós precisamos de mais significado e prazer em nossas vidas, mas estamos todos tão ocupados competindo que nem temos tempo para pensar sobre isso.

Certamente em uma sociedade menos competitiva, nós ainda poderíamos produzir todas as coisas que precisamos, sem sermos forçados a produzir todas as coisas frívolas adicionais que estão presentemente enchendo nossos aterros e lixões. E talvez então poderíamos concentrar nossos esforços em aprender como criar o mais importante de tudo: felicidade humana.

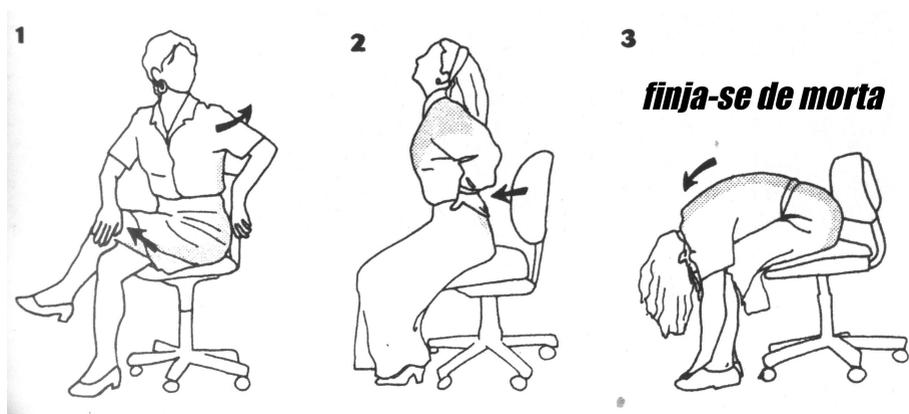
"Não venha me dizer que a vida seria melhor e mais livre em um sistema como o que União Soviética tinha!"

Claro que não. A economia da União Soviética não era nada mais democrática do que a dos Estados Unidos o é. Nos Estados Unidos, a maior parte do capital é controlado por corporações, que em conseqüentemente, conseguem exercer controle sobre a vidas de seus empregados (e até certo grau, na de seus clientes e na todo resto do mundo). Na União Soviética, a maior parte do capital era controlada por uma única força, o governo, que deixava todo mundo à sua mercê. E embora não houvesse competição interna, como a que leva as corporações do Ocidente até tal extremos de crueldade, o governo soviético ainda procurava competir contra as outras nações em poder econômico e produtividade. Isso os levou para os mesmos extremos de devastação ecológica e exploração de trabalhadores que são comuns no Ocidente. Em ambos os sistemas, você consegue ver os resultados desastrosos de colocar a maior parte da riqueza nas mãos de poucas pessoas. O que precisamos tentar agora é um sistema em que nós todos podemos ter uma parte da riqueza de nossa sociedade e influência para escolher como viver e trabalhar.

Então... quem exatamente é que obtém poder no capitalismo?

Em um sistema onde as pessoas competem por riqueza e seu consequente poder, aqueles que são mais cruéis nesta busca, são que os que acabam conseguindo ambos, obviamente. Desta maneira, o sistema capitalista encoraja a fraude, a exploração e a competição destrutiva, e recompensa aqueles que vão até este ponto dando o maior poder e maior influência na sociedade.

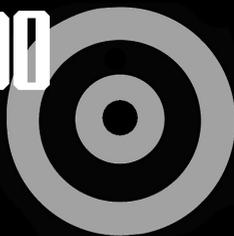
As corporações que se saem melhor em nos convencer de que precisamos seus produtos, quer precisemos ou não, são as mais bem-sucedidas. Assim é que uma empresa como a Coca-Cola, que produz um dos produtos praticamente mais inúteis no mercado, foi capaz de alcançar tal



posição de poder e riqueza: eles foram os mais bem-sucedidos, não em oferecer algo de valor à sociedade, mas em promover seu produto. A Coca-cola não é a bebida mais saborosa que o mundo já provou, é simplesmente a mais desalmadamente promovida. As corporações que são mais bem-sucedidas em criar um ambiente que nos mantenha comprando delas, se isso significa nos manipular com campanhas publicitárias ou usar métodos mais desonestos, são aquelas que obtém a maior quantidade de recursos para continuar fazendo o que estão fazendo. E assim, eles são os que conseguem o maior poder sobre o ambiente em que vivemos. Essa é a razão que as nossas cidades estão entupidas de outdoors e arranha-céus corporativos, ao invés de obras de arte,

jardins públicos ou saunas. Essa é a razão que nossos jornais e programas de televisão estão cheios de perspectivas tendenciosas e mentiras descaradas: os produtores estão à mercê de seus anunciantes, e os anunciantes de quem eles mais dependem são aqueles que têm mais dinheiro: aqueles que estão dispostos a fazer qualquer coisa, até distorcer fatos e espalhar falsidade, para conseguir e manter esse dinheiro. (Pesquise um pouco e você verá o quão frequente isso acontece.) O capitalismo virtualmente garante que as pessoas que controlam o que acontece na sociedade são necessariamente os mais gananciosos, mais cruéis e desalmados.

VOCÊ É UMA FATIA DO MERCADO



A juventude é uma etapa da vida em que você deveria estar reavaliando as suposições e tradições das gerações passadas, quando deveria estar disposto a se diferenciar daqueles que vieram antes e criar uma identidade própria.

Mas na nossa sociedade, "a rebelião juvenil" se tornou um ritual: há a expectativa que toda geração se revolte contra a ordem social por alguns anos, antes de "crescer" e "aceitar a realidade". Isso neutraliza qualquer poder por reais mudanças que as perspectivas novas, originais e estimulantes da juventude poderiam oferecer; visto que, revolta é "apenas para crianças", e nenhum jovem ousa continuar sua resistência na maioridade por medo de ser considerado infantil.

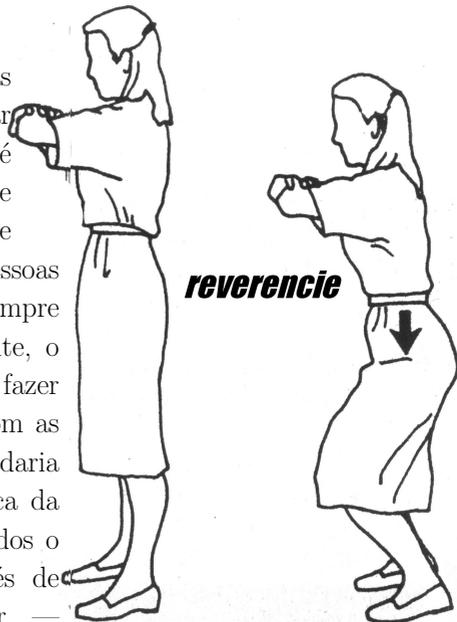
Este acordo é muito vantajoso para certas corporações que dependem do "mercado jovem". Aonde o seu dinheiro está indo quando você compra aquele CD, aquela carteira com corrente, aquela tintura colorida pra cabelo, aquela jaqueta de couro, pôster, todos aqueles acessórios que lhe identificam como um jovem rebelde? Direto para as empresas que compõem a ordem à qua você quer se opor. Eles ganham dinheiro com seus impulsos rebeldes vendendo os símbolos de rebeldia que, na verdade apenas mantêm as rodas girando. Você mantém cheio os bolsos deles, e eles mantêm o seu vazio; eles lhe mantêm sem poder ocupado apenas tentando pagar para se encaixar nos moldes que eles determinaram para você.



CrimethInc.

"O ópio de uma nova geração."

E já que todas as outras pessoas estão à mercê deles, e ninguém quer acabar do lado do perdedor, todo mundo é encorajado a ser ganancioso, cruel e desalmado. É claro, ninguém é egoísta e insensível todo o tempo. Muito poucas pessoas querem ser assim ou tem prazer nisso, e, sempre que podem evitar, o fazem. Mas, geralmente, o ambiente de trabalho é configurado para fazer as pessoas serem frias e impessoais umas com as outras. Se alguém entra em uma padaria morrendo de fome e sem dinheiro, a política da empresa geralmente requer que os empregados o mandem embora de mãos vazias, ao invés de deixá-lo obter alguma coisa sem pagar —



mesmo que a padaria jogue fora dúzias de pães e alimentos no final de cada dia, como a maioria faz. Os pobres empregados passam a ver as pessoas esfomeadas como um incômodo, e os esfomeados culpam os empregados por não ajudá-los, quando realmente é somente o capitalismo colocando um contra o outro. E, infelizmente, é o empregado que põe em prática regras ridículas como estas que provavelmente vai ser promovido a gerente.

Aqueles que ousam passar suas vidas fazendo coisas não lucrativas geralmente não conseguem segurança nem status por seus esforços. Eles podem estar fazendo coisas de grande valor para a sociedade, como criando arte ou música, ou fazendo trabalho social. Mas se eles não conseguem ter lucro a partir destas atividades, eles terão dificuldades para sobreviver, e muito mais para juntar recursos para expandir seus projetos. E, já que poder vem, primeiramente, de riqueza, eles também terão pouco controle sobre o que acontece na sociedade. Desta maneira, as corporações que não tem nenhum objetivo, a não ser, juntar mais riqueza e poder para elas mesmas sempre acabam com mais poder sobre o que acontece em uma sociedade capitalista do que os artistas e ativistas sociais. E, ao mesmo tempo, poucas pessoas podem se permitir passar muito tempo fazendo coisas que valem a pena, mas não que são lucrativas. Você pode imaginar as consequências disto.

Que tipo de lugar isso tudo torna o nosso mundo?

O sistema capitalista dá à pessoa comum muito pouco controle sobre as capacidades coletivas e tecnologias de sua sociedade, e muito pouca influência nas suas implementações. Embora seja o seu trabalho (e o de pessoas como ela) que tornou possível a construção do mundo em que ela vive, ela sente como se esse trabalho, seu próprio potencial e o potencial de seus colegas seres humanos, fosse estranho a ela, fora de seu controle, algo que age sobre o mundo independentemente de sua vontade. Não surpreende o fato dela se sentir frustrada, impotente, não-realizada, sem sonhos. Mas não é



ONIPRESENÇA

É o Nosso Ponto de Vendas

Você vê a nossa insígnia em todos lugares que vai. Está em suas roupas, na sua tela de televisão, nas paredes de todas as ruas, nas páginas de todas revistas. Está marcada na sua cabeça. Você a vê umas mil vezes mais do que a bandeira do seu país; você a vê, pelo menos, tanta vezes quanto o rosto da sua mãe.

Nós não investimos em comunicação para informá-lo sobre nossos produtos; o que procuramos promover nós mesmos. Essa é a razão pela qual lhe damos slogans e símbolos ao invés de fatos. Nós não estamos compartilhando informação tanto quanto estamos espalhando mistificação. Somos a divindade da nova era; você nos aceita como onipotentes e oniscientes porque vê nosso poder e nossa presença em todo lugar. Seus amigos trabalham para nós, as empresas de seu país são de nossa propriedade, seus políticos respondem a nós, tudo é patrocinado ou ditado por nós. Aparentemente controlamos tudo, nos posicionamos sobre a humanidade como deuses eternos.

Quando você compra nossos produtos, você não está realmente em busca de um tênis, uma calça jeans ou um refrigerante, mas daquela aura de poder. Para as crianças nos guetos dos Estados Unidos, a Nike representa a riqueza e o status que elas anseiam. Para os consumidores na Itália (que tem uma herança de comida muito mais saudável e mais saborosa), o McDonalds simboliza a era moderna da qual eles desesperadamente desejam fazer parte. Nós reinamos sobre você pois lhe persuadimos que somos divinos.

Mas todos os deuses tem uma vulnerabilidade secreta: paramos de existir no momento em que as pessoas não mais acreditem em nós. Parece que somos invulneráveis, mas poderíamos para de existir tão absolutamente quanto os deuses da Grécia Antiga, se você nos reconhecesse pelos fantasmas que somos. Nós trabalhamos sem parar, enchendo o mundo com nossos templos e imagens, pois sabemos que a humanidade mais cedo ou mais tarde acordará deste longo pesadelo.

CrimethInc.

"Sempre."



configuração típica de mesas de trabalho

apenas essa falta de controle que faz o capitalismo tão hostil à felicidade humana. No lugar de controle democrático sobre nossas vidas e sociedade, nós temos a dominação desalmada da força.

A violência não está presente apenas quando os seres humanos fazem dano físico um ao outro. Está presente, embora de forma mais sutil, em qualquer momento em que se usa força sobre o outro em suas interações. É a violência que é a raiz do capitalismo. Sob o sistema capitalista, todas as leis econômicas governando a vida humana se resumem na coerção. Trabalhe ou passe fome! Domine ou seja dominado! Compita ou pereça! Venda as horas da sua vida pelos meios de sobrevivência ou apodreça na pobreza — ou na prisão!

A maioria das pessoas vão trabalhar porque elas precisam, não porque querem. Elas vendem seu tempo para poder comprar comida e abrigo, e para pagar as contas de todos os símbolos de status e luxúrias que foram condicionados a obter, somente por causa que sabem que a alternativa é a inanição e o ostracismo. Eles podem até gostar de algumas coisas que fazem nos seus empregos, mas gostariam muito mais de fazerem-nas no seu próprio tempo e maneira, além de fazer outras coisas — sendo que seus empregos os deixam sem tempo e energia para isso. Para forçar a máxima produtividade em pessoas que prefeririam estar em outros lugares, as corporações usam diversos mecanismos de controle: estabelecem horários de trabalho para seus empregados, os fazem bater cartão, os mantêm sob observação constante.

Chefes e trabalhadores são colocados juntos em mútua coação econômica, e negociam uns com os outros sob ameaças invisíveis: um apontando a arma do desemprego e pobreza para a cabeça do outro, e este ameaçando serviço ruim e, possivelmente, greves. A maior parte das pessoas tenta manter alguma preocupação pelas necessidades humanas dos outros, mesmo no emprego, mas a essência da nossa economia é a competição e a dominação, e isso sempre se evidencia em nossas relações com aqueles acima e abaixo de nós na hierarquia de trabalho.

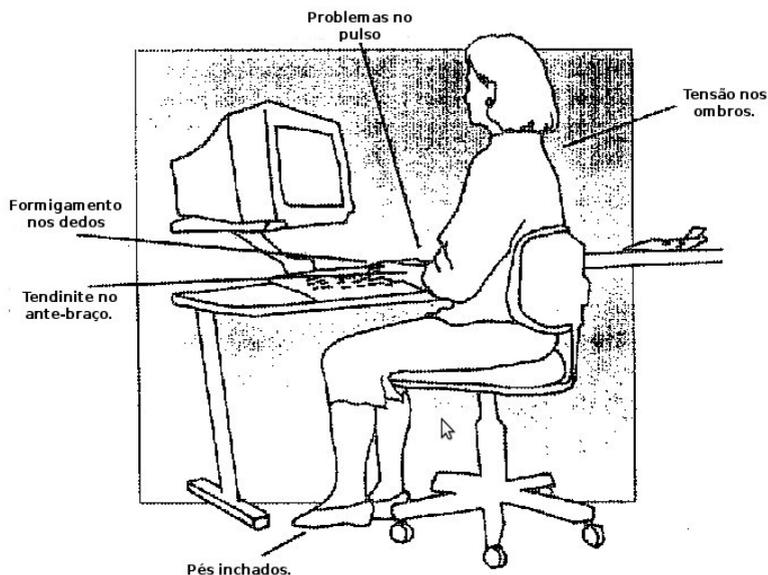
Você consegue imaginar o quanto mais vantajoso e divertido poderia ser para todos nós se fôssemos capazes de agir a partir do amor ao invés de agir a partir da obrigação/imposição? Se fizéssemos as coisas pelo completo prazer de fazê-las, e trabalhássemos juntos por nossa própria vontade, não por obrigação? A propósito, isso não tornaria mais agradável fazer as coisas que são necessárias para a sobrevivência — e se relacionar uns com os outros?

Sem o nosso chiclete, ninguém vai querer te beijar. Sem o nosso desodorante, ninguém vai querer te tocar. Sem nosso batom, você não atrairá a atenção de ninguém. Sem os nossos tênis esportivos, você não conseguirá se manter no mesmo nível que os caras. Sem nossos cigarros, a sofisticação te escapa. Sem nossos produtos de limpeza, ninguém vai querer ir à tua casa. Teus filhos não terão nenhum jogo para jogar sem brinquedos e desenhos. Ela não gostará do encontro a não ser que você a leve para assistir um dos nossos filmes.



A diversão realmente não começou até você ter nossa cerveja nas suas mãos. Como você pode se sentir livre e vivo sem nosso novo carro esportivo? Pense em todas as suas atividades de lazer e você verá: você não está se divertindo a não ser que você esteja pagando por isso. Nós jogamos com suas inseguranças, seus medos e ansiedades. Existem produtos para cada atividade do ser humano, até sexo, pois as coisas que são naturais e livres não são boas o bastante sem os nossos suplementos sintéticos. No final das contas, você está tão condicionado que você pagará pelos produtos mais inúteis, apenas para estar pagando por alguma coisa. E se caso você tente sair do nosso sistema, você verá que nós realmente tornamos impossível ser um humano sem os nossos produtos: você paga para comer, paga para dormir, paga para se manter aquecido, paga por um espaço somente para existir.

CrimethInc.
"Dependa de nós."



Uma típica estação de trabalho.

Pois esses padrões de violência inevitavelmente transbordam também para o resto da nossas vidas. Quando você está acostumado em ver e tratar as pessoas como objetos, como recursos para serem gastos ou inimigos para serem temidos e combatidos, fica difícil deixar esses valores para trás quando você chega em casa. A hierarquia que a propriedade privada impõe sobre os relacionamentos no ambiente de trabalho pode ser encontrada em todos os outros lugares na sociedade: nas escolas, igrejas, famílias e amizades, em todo lugar que a dinâmica de dominação e submissão acontece. É quase impossível de imaginar do que uma relação verdadeiramente igual poderia consistir, em uma sociedade onde todo mundo está sempre competindo por superioridade. Quando crianças brigam na escola ou gangues rivais guerreiam nas ruas, eles estão meramente imitando os conflitos maiores que ocorrem entre e dentro de corporações e das nações que atendem os interesses destas. A violência deles é vista como uma anomalia, mas é somente um reflexo do mundo violento e competitivo que os estimulou. Quando possíveis amigos ou amantes avaliam cada um em termos financeiros e de status, ao invés de por coração e alma, eles estão simplesmente agindo a partir das lições que lhes foram ensinadas sobre "valor de mercado" — vivendo sob o reino da força, é quase impossível não ver os outros seres humanos e o mundo em geral em termos do que há neles para você.

Se vivêssemos em um mundo onde pudéssemos perseguir quaisquer aspirações que nos agradasse, sem medo de morrer de fome, enlouquecer ou de ser não-amado como Van Gogh e tantos outros, nossas vidas e relações não seriam mais moldadas pela violência. Talvez então seria mais fácil para nós olhar para cada um e ver o que é lindo e único, ver a natureza e apreciá-la pelo que é... ser e deixar que sejam, ao invés de sempre buscar poder e vantagem. Existiram centenas de outras sociedades na história da nossa espécie em que as pessoas viveram dessa maneira. É realmente demais pensar que nós poderíamos reorganizar nossa própria sociedade para ser mais democrática?

Certo, certo, mas qual é a alternativa?

A alternativa para o capitalismo seria uma sociedade consensual em que nós pudéssemos decidir individualmente (e, quando necessário, coletivamente) como seriam nossas vidas e arredores, ao invés de sermos forçados a estes pelas chamadas leis de "oferta e demanda". Estas são leis apenas se deixarmos que sejam. É difícil imaginar uma sociedade baseada na cooperação do ponto-de-vista atual, já que as únicas sociedades que a maioria de nós já viu na vida são baseadas na competição. Mas as outras sociedades são possíveis: elas existiram diversas vezes na história da nossa espécie e podem existir novamente, se quisermos.

Para escapar das algemas da competição, nós precisamos desenvolver uma economia que seja baseada no ato de dar, ao invés do ato de trocar: uma economia da dádiva, no lugar desta economia de troca. Em tal sistema, cada pessoa poderia fazer o que quisesse com a sua vida, e oferecer aos outros o que sentir ser mais qualificada para oferecer, sem medo de passar fome. Os meios para fazer as coisas seriam compartilhados por todos, e não acumulados pelo indivíduos mais gananciosos. Então cada pessoa teria todos os recursos da sociedade à sua disposição. Aqueles que quisessem pintar poderiam pintar, aqueles que gostam de construir motores e máquinas poderiam fazer isso, aqueles que amam bicicletas poderiam construí-las e consertá-las para os outros. Os chamados "trabalhos sujos" seriam disseminados de forma mais justa, e todo mundo se beneficiaria pela capacidade de saber e fazer uma variedades de coisas, ao invés de estar limitado a uma ocupação como um dente de engrenagem numa máquina. "Trabalho" em si seria umas mil vezes

mais prazeroso, sem horários apertados ou chefes exigentes nos coagindo. E embora pudéssemos ter uma taxa de produção menor, nós teríamos uma maior variedade de ocupações criativas na nossa sociedade, as quais poderiam tornar a vida mais completa e mais significativa para todos nós... além disso, nós realmente precisamos de todas as bugigangas e luxuosidades pelas quais hoje escravizamos tanto para criar?

Isso parece uma visão utópica, e é, mas não significa que não podemos tornar nossas vidas mais parecidas com essa utopia em comparação em como ela é atualmente. Também, não precisamos olhar apenas para os

Ninguém é assim. Não é nem ao menos saudável. Mas milhões de mulheres no mundo todo se pintam, passam fome, e até passam por operações médicas para tentar alcançar os padrões sociais de beleza. Quem cria estes padrões? Nós os criamos — nós, a indústria da moda e da imagem, com nossas capas de revista, dietas "milagrosas" e celebridades criadas sinteticamente.

Por quê isso é do nosso interesse? Em primeiro lugar, insegurança vende. Quanto mais inalcançáveis forem os padrões que ditamos para você, pior você se sentirá sobre si mesma e, portanto, mais dos nossos produtos você vai achar que precisa. Em segundo lugar, é importante que mantenhamos você pensando em si mesma como um corpo. Todas nossas imagens de mulheres como corpos, desde a arte clássica até anúncios de perfume do século XX, conspiram para fazer você se ver assim. Se você se enxerga como um corpo, e mede o seu valor a partir disto, você vai achar que é dos nossos produtos para o corpo que você precisa para ser feliz... e não de uma vida excitante, de projetos criativos, de um mundo mais bonito e seguro, etc.

Por estes padrões de "beleza" absurdos, estamos dispostos a matar dúzias de mulheres com anorexia todo ano, a deixar milhares e milhares de mulheres doentes, com bulimia e subnutrição, a fazer mulheres pagarem milhares de reais por cirurgias plásticas e perigosos implantes nos seios, a deixar mulheres que não são brancas pagarem por produtos que supostamente irão deixá-las mais parecidas com as rainhas brancas da beleza, deixar milhões de mulheres e meninas do mundo todo inseguras sobre seus corpos e sobre si mesmas. E os desejos dos homens também são esculpidos pelo nosso condicionamento, para que eles acabem perseguindo uma glamourosa imagem de "mulher" que não existe na realidade, enquanto deixam de apreciar a verdadeira beleza que está ao seu lado nas ruas e em seus lares.

Por que temos todo esse poder? Porque no competitivo "mercado livre", a nossa impiedade em nome do lucro têm sido recompensada por vendas mais altas que a de nossos competidores mais humanos. O nosso método funciona na economia capitalista, o nosso método vende mais, ele domina e vence em um sistema onde o dinheiro vale mais que a felicidade humana.

CrimethInc.

"Dependa de nós."

bosquímanos do deserto de Kalahari para exemplos de como a vida é fora do capitalismo: até mesmo hoje, há muitas oportunidades na nossa própria sociedade para ver quão melhor a vida é quando nada tem um preço. Toda hora que uma roda de tricot se encontra para compartilhar amizade e conselhos, toda hora que pessoas vão acampar juntas e dividem responsabilidades, toda hora que pessoas cooperam para cozinhar ou fazer música ou fazer qualquer coisa que seja por prazer, não por dinheiro, isso é a "economia da dádiva" em ação. Uma das coisas mais regozijantes em estar apaixonado ou em ter um grande amigo é que, pelo menos nesta hora, você é considerado por quem você é, e não pelo que "vale". E que sentimento maravilhoso é aproveitar as coisas na vida que vêm a você de graça, sem ter que medir quanto de si você está trocando por elas. Mesmo nesta sociedade, quase tudo do qual extraímos verdadeiro prazer vêm do lado de fora dos limites de nossas relações capitalistas. E por que não deveríamos exigir o que funciona tão bem em nossas vidas privadas o tempo todo? Se tiramos muito mais das nossas relações quando elas estão livres da coerção da propriedade e da competição, por que não procuramos libertar também as nossas "relações de trabalho" dessa coerção?

Mas quem vai recolher o lixo, se todos fizermos o que bem entendermos?

Bem, quando um grupo de amigos mora junto em um apartamento, o lixo não é levado para fora? Ele pode não ser levado com tanta frequência quanto o faria um faxineiro de um escritório, mas ele é levado voluntariamente, e não é sempre a mesma pessoa que fica presa à tarefa. Sugerir que não podemos prover para nossas próprias necessidades sem que alguma autoridade nos force a isto é subestimar enormemente e insultar a nossa espécie. A idéia de que ficaríamos todos sentados sem fazer nada se não tivéssemos que trabalhar para nossos chefes para sobreviver vem do fato de que, uma vez que temos que trabalhar para nossos chefes para sobreviver, nós preferiríamos ficar sentados sem fazer nada. Mas se tivéssemos nossa energia e nosso tempo para nós mesmos, nós redescobriríamos como utilizá-los, tanto para fins certos como para fins incertos: lembre-se de quantas pessoas apreciam o próprio ato de jardinar, mesmo quando elas não tem que fazer isso para sobreviver. Certamente nós não iríamos nos deixar passando fome em uma sociedade onde as decisões e o poder fossem compartilhados ao invés de brigarmos por eles... e o fato de que hoje tantas pessoas estão passando

fome indica que o capitalismo não é menos incerto que qualquer outro sistema possa ser.

Seguido nos dizem que é da "natureza humana" ser ganancioso, e que é por isso que o mundo é assim. A própria existência de outras sociedades e modos de vida contradiz isso. Uma vez que você se dá conta de que a sociedade capitalista moderna é só um entre milhares de modos que os seres humanos viveram e interagiram juntos, você pode perceber que esse argumento de "natureza humana" é absurdo. Nós somos formados antes de tudo pelo ambiente em que vivemos — e seres humanos agora tem o poder de construir os seus próprios ambientes. Se formos ambiciosos o suficiente,



Bem-vindo ao nosso anúncio. É sempre reconfortante para nós dos Grandes Negócios S.A., saber que os seus olhos são sempre atraídos por imagens de mulheres bonitas chupando objetos fálicos — isso torna muito mais fácil o nosso trabalho de atrair a sua atenção, e depois que temos a sua atenção estamos a apenas um passo de lhe vender alguma coisa que você não precisa nem tem dinheiro para comprar. Use o seu crédito — desta forma podemos mantê-lo preso a um emprego que você odeia, simplesmente porque precisa nos pagar. E depois que você estiver preso em um trabalho oito horas por dia, cinco dias por semana, continuamente exausto e não querendo nada além de ligar a TV e esquecer da mesmice do mundo, você nunca irá fazer nada para perturbar o precioso equilíbrio que todos nós trabalhamos tão duro para manter — vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E, é claro, depois que você está na frente da TV — bem, lá estão aquelas mulheres bonitas de novo! E a verdadeira beleza de tudo isto é que: nosso método não apenas é eficiente — é praticamente obrigatório! — Nós ajudamos você e você nos ajuda a "ficar dentro do esquema!"

CrimethInc.

"O Nosso Trabalho É Manter
Você na Linha."

nós poderemos projetar o nosso mundo para nos reconstruir da forma que nossos corações desejarem. Sim, todos nós somos assombrados por sentimentos de ganância e agressão, uma vez que vivemos num mundo materialista e violento. Mas em ambientes mais acolhedores, construídos sobre valores diferentes, poderíamos aprender a interagir de formas que seriam prazerosas para todos os envolvidos. De fato, a maior parte de nós seria muito mais generosa e considerada hoje mesmo se pudéssemos — é difícil dar presentes livremente em um mundo onde você tem que vender um pedaço de si para conseguir qualquer coisa que seja. Levando isso em consideração, é surpreendente quantos presentes ainda damos uns aos outros.

As pessoas que falam sobre a "natureza humana" nos dizem que esta natureza consiste principalmente da vontade de possuir e controlar. Mas e nossos sentimentos de compartilhar e de agir pelo puro ato de agir? Somente aqueles que desistiram de fazer o que querem se contentam em encontrar significado no que eles simplesmente possuem. Quase todo mundo sabe que é mais recompensador levar alegria aos outros do que tirar coisas deles. Agir e dar livremente são a sua própria recompensa. Aqueles que acham que "a cada um tem o que merece, cada um tem o que precisa" beneficia injustamente quem recebe, simplesmente não entende o que faz os seres humanos felizes.

É tentador pensar que o capitalismo é uma conspiração dos ricos contra os outros, e pensar que a luta contra o capitalismo é a luta contra essas pessoas. Mas, na verdade, é do melhor interesse de todos nos livrarmos deste sistema econômico. Se a verdadeira riqueza consiste de liberdade e comunidade, somos todos pobres aqui: pois mesmo ser "rico" numa sociedade que é hostil à estas coisas é somente ser o possuidor de mais pobreza. Este sistema não é o resultado de um plano maldoso elaborado por alguns vilões que querem dominar o mundo — e mesmo se fosse, eles só tiveram sucesso em condenar a todos, inclusive eles mesmos, às algemas da dominação e da submissão. Não sejamos tão invejosos deles só porque eles parecem numa situação melhor à distância. Qualquer um que nasceu numa de suas casas pode lhe dizer que, apesar de todas suas contas de banco e sistemas contra incêndio, eles não são mais felizes ou livres que você. Devemos tentar encontrar formas de fazer todos verem o que podemos ganhar se mudarmos nossa sociedade, e envolver todos nesta mudança.

Se isso é um grande desafio, e às vezes lhe parece que "o povo" merece o que recebem por aceitarem essa forma de vida, não perca as

esperanças. Lembre-se, o sistema que eles aceitam é aquele no qual você vive. Suas chances de libertação estão intrincadamente atadas às deles.

Não fique paralisado pela aparente vastidão das forças reunidas contra nós — essas forças de trabalho são feitas por pessoas como você, ansiando por liberdade. Encontre maneiras de escapar do sistema de violência na sua vida, e os leve com você se puder. Aproveite todo momento livre, qualquer oportunidade em que você puder colocar suas mãos; a vida pode ser vendida, mas não pode ser comprada — apenas roubada de volta!

"A TELEVISÃO É UMA PORCARIA, CARA."



Então você tem dúvidas, está cético? Você não confia mais no governo, na Coca-Cola, na televisão? Nós ficamos mais do que felizes em fazer paródias de nós mesmos, nos insultarmos, até mesmo explicarmos em detalhes todas nossas intenções mais odiosas e negócios mais escusos... contanto que isso mantenha atenção. Temos programas de televisão, publicidade e tirinhas cuidadosamente projetadas para aqueles que, como você, não acreditam mais em nós. Tudo para manter você assistindo, tudo para manter você comprando. Nós jogamos com o seu ceticismo, lucramos com ele, até mesmo o encorajamos. Você sabe que não pode confiar em nós, mas enquanto o mantivermos cativado com nossa ironia e auto-depreciação, você não vai conseguir pensar em nenhuma alternativa. Ao invés de ter o ideal de lutar contra o status quo, você vai se juntar às fileiras dos niilistas do Dilbert, não mais capazes de acreditar em nada, mas ainda fazendo sua parte neste sistema de desespero.

CrimethInc.

"Você É Nossa Audiência Cativa."

A alienação, desconfiância e exaustão que todos sentimos nesta sociedade multiplicam nossas necessidades, e corremos atrás de produtos (investidos do poder do fetiche que a publicidade lhes concede) esperando que eles possam nos salvar. Mas comprá-los apenas perpetua a nossa angústia. Pois cada vez que você compra algo neste sistema, você compra todo o sistema: você está dando seu dinheiro para que as corporações reforcem seu poder, e para conseguir esse dinheiro, você tem que dar o seu trabalho a eles também. Isso é mais mão-de-obra para eles manterem os negócios funcionando, e menos liberdade para você resistir!

coisas que antes eram grátis para todos nós, antes das corporações para as quais trabalhávamos embrulhamos tudo em concreto.

Eu decidi sair disso de qualquer forma possível. Eu vou parar de trabalhar para eles, parar de pagar por seus produtos, parar de acreditar em todos os mitos sobre ter a casa perfeita e o carro perfeito e "ficar na frente" na (corretamente chamada) "força de trabalho". Eu vou criar a vida que eu quero para mim mesmo, na qual eu possa encontrar alegria, ou morrer tentando. Mas mesmo que eu consiga escapar, como vou viver a vida que eu quero se todas as pessoas com quem me importo, todas pessoas à minha volta e o mundo no qual eu vivo, ainda estão sob o controle deste sistema? Será igualmente solitário ser livre se todos os outros estão trançados dentro de escolas, escritórios e fábricas, seguindo ordens. Se eu realmente quero sair daqui, preciso descobrir uma maneira de levar os outros comigo. Eu ando pela rua, olhando a fulligem sendo jogada no céu por chaminés, e eu agonizo por um mundo que cabe a nós decidir se continuará a gerar fumaça.

E onde estão os jardins para nosso lazer que poderiam ter sido construídos com todo esse trabalho, ou os bosques para vagarmos, os rios para nos dar de beber, os lagos para nadar? E a propósito, onde estão os mico-leões e as araras para admirarmos, ou as estrelas no céu poluído com fumaça e luz? Na minha imaginação, eu viajo por lindas terras selvagens, encontrando pessoas que têm hábitos e modos de vida únicos, que nunca ouviram falar de Pepsi, que nunca desperdiçam um único dia fazendo algo que não queiram. Juntos nós elaboramos planos malucos de como extrair o máximo de prazer da vida, como exprimer até a última gota... e nós juntamos todos nossos desejos e fantasias juntos em uma grande bola, com a qual destruímos os portões que levam ao próprio paraíso.

apartamento por uma única noite, mas eu não recebo meu salário pelo menos até semanas depois de começar da minha primeira semana de trabalho, e porque as pessoas que controlam a propriedade na qual eu vivo, e no local onde eu trabalho, colocaram do meu trabalho. E o senhorio também consegue um empréstimo meu quando eu pago um mês antecipado pelos meus alojamentos - sem contar que o governo, que retira impostos do meu salário referentes a um ano inteiro! No meio-tempo, eu tenho que tomar cuidado para não deixar as estufas ligadas por mais tempo do que eu possa pagar, ou comer mais comida do que eu possa pagar... e quando estou tremendo de frio, meu estômago está roncando e me sinto solitário, eu não consigo evitar ficar furioso com o fato que, apesar de existirem tecnologias que permitiriam facilmente que eu ficasse tão quente e bem alimentado quanto possível, eu tenho que pagar por cada migalha - para que uns poucos homens ricos possam arrecadar mais riquezas aos meus custos! Eu trabalho quarenta horas por semana para o sistema que torna todos esses confortos possíveis - eu não mereço deixar as estufas ligadas tanto tempo quanto meu chefe deixa, só porque eu me sujo mais no trabalho? Eu não mereço provar a comida dos restaurantes que ele frequenta, só porque eu não quero brigar para subir no pódio corporativo?

É muito pior para alguns de meus amigos: eles têm contas de cartão de crédito e empréstimos para pagar. Essas corporações têm controle sobre eles por todas as suas vidas: não importa o que eles queiram fazer, seja no mês que vem ou daqui há dez anos, eles estarão à sua mercê. Isso significa que eles têm que ganhar mais umas centenas de reais por mês, e isso significa que ao menos que estejam dispostos a declarar falência, eles nunca estarão livres da compulsão de vender suas vidas. Eu fico enraivecido toda vez que eu recebo outra oferta promocional de cartão de crédito pelo correio, sabendo que esses filhos-da-puta fariam qualquer coisa para me sugar, para me prender na servidão do débito. E eu agonizo toda vez que vejo meus amigos comprando mais coisas, em tentativas vas de se consolarem: é claro que eles estão desesperados por liberdade e empolgação, levando as vidas que levam, mas eles não vão encontrar isso num aparelho de som ou num carro novo! Gastar seu dinheiro dessa forma apenas os mantém ainda mais acorrentados ao sistema que está sugando suas vidas. Alguns deles passam o ano todo trabalhando, seu coração silencioso em seus peitos, para economizar dinheiro para algumas semanas e fins-de-semana viajando de carona, esquiando, andando de barco -

P.S.: Uma Luta de Classes Onde Todos Podem Participar

A pobreza contra a qual lutamos através da história não é meramente a pobreza de bens materiais; o tédio e a desorientação vivenciados pelos membros das classes média e alta nas ricas nações industriais de hoje têm revelado a pobreza da própria existência Ocidental.

Os problemas que enfrentamos hoje não podem ser associados somente ao conflito de classes. Não é simplesmente o fato de que a classe dominante lucra às custas do proletariado, pois vemos que o lucro obtido por aqueles com capital não torna suas vidas mais plenas. Não importa se uma mulher está na prisão, em um reformatório, em uma maquiladora, em um gueto, em uma universidade de prestígio, em um condomínio financiado ou em uma mansão com piscina e quadra de tênis, de qualquer forma ela está presa. Todos sofrem com o "status quo" de hoje, embora de formas diferentes; mas quer um homem esteja passando fome com seu salário mínimo, exausto por suas repetitivas responsabilidades no escritório, ou confuso pelo sentimento de futilidade que vem com a aquisição de bens materiais sem objetivos, ele tem interesse em lutar por mudanças. Então todos nós, ricos e pobres, devemos nos unir para mudar nossa situação.

Isto também significa que não existem os míticos "Eles". Incontáveis movimentos radicais e críticos sociais contaram com este conceito para motivar as pessoas cultivando o ódio aos "maldosos orquestradores" do sofrimento humano, os inimigos que conspiram contra nós. Mas este tipo de pensamento serve apenas para nos colocar uns contra os outros, e quer estejamos divididos em classes, cores, ou de acordo com outras categorias, tiramos nossa atenção do que realmente importa e atrasamos o nosso progresso. Nosso verdadeiro "inimigo" são as forças e padrões sociais que atuam entre nós, e são estas forças que temos que entender e combater.

Isto não quer dizer que não existam indivíduos cujo comportamento é particularmente perigoso aos outros seres humanos, até o ponto em que ele perpetua e intensifica o atual estado de emergência. Mas mesmo se estes indivíduos têm intenções negativas em direção aos outros, é improvável que eles tenham um entendimento claro das condições extremamente complicadas para as quais estão contribuindo. Nossas relações sociais e econômicas são nocivas de maneiras tão complexas que nenhuma sociedade secreta composta pelos mais brilhantes gênios do mal poderia ter nos posto nesta situação.

E não deixe ninguém dizer que estes indivíduos estão se beneficiando às custas do resto da população. Se ganhar riquezas materiais e status em uma sociedade assassina realmente é se beneficiar, então devemos apenas deixar as coisas como estão e gastarmos nossas energias em combater os outros para chegar ao topo deste monte de merda. Se a vida destas pessoas não é tão pobre quanto as nossas, todo nosso sistema de valores está falido. É compreensível que alguns de nós sintam inveja sobre o controle desproporcional sobre os recursos de nossa sociedade... mas não é ter coisas ou status que torna nossa vida boa, é?

Chega de abstrações! Vamos falar da vida real!

testemunho genuíno de um membro da classe trabalhadora na vida real!

Como é nunca ser tratado como um adulto? Nunca ser livre de regras e regulamentos impostos sobre você "para o seu próprio bem", ter que obedecer e se curvar perante professores, chefes, policiais - porque eles trabalhavam para mestres que têm mais dinheiro e poder sobre a sua vida do que você jamais espera conseguir? Ter que implorar, tramar e mentir para uma tarde de "folga" para fazer o que você quer, uma única vez? Responder a sinais automáticos, ficar à mercê de máquinas, de relógios, de pessoas com a metade da sua inteligência e personalidade, se vestir em uniformes das mesmas cores como sacos idênticos de batata frita? Ser exigido a repetir frases padrão uma vez após a outra - ser programado como uma máquina?

Você acha que é apenas uma coincidência que a Coca-Cola agora seja vendida em todos os cantos da terra? Você realmente confia nela para ter todo esse poder e transformar esse planeta em um lugar que você gostaria de morar?

Toda vez que chego em casa e encontro minha caixa de correspondência cheia de panfletos e mala-direta, toda vez que tento jantar silenciosamente com um de meus amantes e somos interrompidos por uma ligação de uma companhia de telemarketing, eu me lembro que vivo em uma sociedade que valoriza mais as vendas do que a privacidade. Toda vez que alguém liga a televisão e uma avalanche de comerciais nos ataca, eu me lembro de quão pouco a verdade e a reflexão silenciosa importam para os vendedores que desejam fazer uma venda. Toda vez que ando na minha bicicleta, eu passo por anúncios publicitários que proclamam o poder e o sex appeal de vários produtos triviais, e eu fico furioso ao imaginar todos bons usos para os quais a publicidade poderia servir. Se pelo menos houvesse um meio para nós decidirmos o que vai ser exposto em nossas ruas, além de criar graffiti!

E quando as contas vencem, eu me lembro mais uma vez do que importa nesta época dourada. Eu tenho que pagar o aluguel no início do mês, antes de ficar no

* - Na época em que este texto foi escrito, em algumas nações da América Latina a Coca-Cola era responsável pelas vendas de mais de 60% de todos os tipos de bebidas. De acordo com seu relatório de cinco anos, o seu próximo objetivo é tornar máquinas de Coca-Cola mais comuns que fontes d'água. Será que eles não se dão conta de que são apenas uma empresa de refrigerantes? Mais de 90% do corpo humano é água... qual a porcentagem do seu corpo que você comprou da Coca-Cola? E de outras corporações? Dizem que você é o que come...

primavera de 1871

A Comuna de Paris

Graças a uma revolta popular, Paris foi transformada em uma espécie de festival contínuo anarquista por

alguns meses, até que os estragaprazeres de sempre recuperaram o poder e massacraram todo mundo.



"Cultura? Ah! É o produto que querem a gente compre acima de todos — aquele que nos faz pensar que precisamos de todos os outros."

— Marilyn Monroe, na sua carta de suicídio

""Quando eu ouço a palavra cultura, já pego minha carteira.""

— Ayn Rand, explicando como ela iniciou a subir na "hierarquia" social

Da Cultura das Vitrines até Abaixo do Underground.

O problema da cultura foi primeiro mencionado, há mais de oito décadas, pela publicação dadaísta *Icarus Was Right*:

"Cultura: a) as crenças habituais, formas sociais e características materiais de um grupo racial, religioso ou social. b) um conjunto de atitudes, valores, objetivos e práticas compartilhadas que caracterizam um grupo definido.

"Esperançosamente fique óbvio, depois de ler a definição acima, que cultura, qualquer cultura, é inerentemente ruim e problemática. Quem quer ter que se conformar, e forçar outras a se conformar à pensamentos e valores pré-definidos de um "grupo racial, religioso ou social"?"

O que o autor estava argumentando neste artigo era uma crítica à maneira que as tradições formam nossas vidas. "Cultura", qualquer uma, é formada pelas tradições e pelos padrões das ações e interações passados de uma pessoa para a outra. Isto é, cultura, propriamente dita, consiste de limitações prescritas sobre as ações, interações, e até pensamentos dos seres humanos. Estas limitações podem ser benéficas — por exemplo, quando elas contém informações úteis para a realização de tarefas práticas como cozinhar — mas elas também pode limitar os seres humanos de maneiras perigosas. Cultura pode ser tão benigna, como no caso da

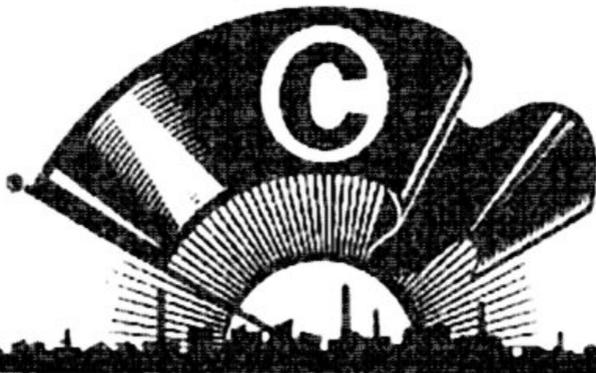
culinária tradicional Italiana, e tão repugnante, no caso de sexismo e racismo (especismo também) que é uma parte fundamental de muitas sociedades. Então, é fácil ver como "cultura", por essa definição, poderia ser adversa à felicidade humana.

Mas a cultura, de modo geral, é sempre uma fenômeno perigoso, não apenas quando ensina pessoas a serem sexistas e racistas — porque toda cultura ensina certos valores e modos de fazer as coisas, prescrevendo-as como se fossem certas para todo mundo, sendo que os seres humanos são todos diferentes e possuem necessidades diferentes. Qualquer cultura pode ser certa para algumas pessoas durante determinado momento de suas vidas, mas nenhuma cultura é certa para todos — e, já que as pessoas mudam, não há garantia que uma cultura em particular será certa para uma pessoa durante toda sua vida. É claro que é impossível erradicar a cultura de nossas vidas - tudo que somos é resultado dela: sem ela, nós não teríamos nem linguagem/idioma, não seríamos capazes de pensar sobre o mundo da maneira que fazemos. Além disso, existem muitas coisas boas, além da linguagem/idioma e do desenvolvido uso de ferramentas, que não poderíamos ter sem a



existência da cultura: movimentos artísticos, boa culinária, literatura, citando apenas algumas. A solução, ao invés, é ser cauteloso em relação à cultura e à tradição: nunca aceitá-las como dadas, mas sim, escolher o que é certo para você no momento e rejeitar o resto. Mantenha uma noção clara de como seu comportamento, atitudes e idéias são formadas pela cultura ou culturas em sua volta. Talvez você aprecie a abordagem mais descontraída e romântica para a vida que faz parte da cultura Espanhola, mas acha a atitude em relação as mulheres desprezível. Ou talvez você aprecie a música entusiasmada e a crítica social da "cultura" punk, mas acha que o jeito de dançar e os engraçados estilos de roupa não te atraem. Pegue o que te agrada e deixe o resto — assim não haverá nenhum perigo de você ser levado para fora do rumo por nada. Citando Robin Hood: "O supermercado de idéias, como qualquer supermercado, serve apenas para saquear."

Hoje, quando os Estados Unidos, considerando sua influência mundial devido ao poder econômico, avança sobre as outras culturas e as substitui pela americana, há muitos grupos que se opõem raivosamente. Eles demandam a liberdade para manter a "própria" cultura e lutam para protegê-la face a invasão dos outros. Fazendo isso, eles estão lutando pelo direito de serem reprimidos pelas suas próprias tradições e costumes; quando, de fato, eles deveriam lutar pelo direito de serem reprimidos por nenhuma tradição ou costume, pelo direito de inventar novas maneiras de viver e pensar de acordo com suas próprias necessidades e desejos, e somente pegar idéias e costumes de qualquer cultura quando estas idéias e costumes acabem sendo certas para eles. A cultura tem a capacidade de ocupar um papel positivo e útil em nossas vidas, mas primeiro, devemos escapar de suas tiranias sobre nós, a qual nos permitimos com a aceitação



O Ocultamento da Morte



"PORQUE NÓS NÃO SABEMOS QUANDO VAMOS MORRER, NÓS VEMOS A VIDA COMO UM POÇO CUJA ÁGUA NUNCA ACABA. MAS TUDO ACONTECE SOMENTE UM DETERMINADO NÚMERO DE VEZES, E UM NÚMERO REALMENTE MUITO PEQUENO. QUANTAS VEZES MAIS VOCÊ IRÁ SE LEMBRAR DE UMA CERTA TARDE DA SUA INFÂNCIA, UMA TARDE QUE É UMA PARTE TÃO PROFUNDA DO SEU SER QUE VOCÊ NÃO CONSEGUE NEM MESMO CONCEBER SUA VIDA SEM ELA? TALVEZ MAIS QUATRO OU CINCO VEZES, TALVEZ NEM MESMO ISSO. QUANTAS VEZES MAIS VOCÊ VAI VER A LUA CHEIA NASCER? TALVEZ VINTE. E AINDA ASSIM TUDO PARECE INFINITO." — GLORIA CUBANA, THE SHELTERING SKY

Aqui está um exercício para se tentar em casa. Você vai precisar de um cronômetro com ponteiros, ou outro relógio que marque os segundos. Antes de começar, sente-se em uma poltrona confortável e afrouxe suas roupas.

Observe o ponteiro dos segundos enquanto ele passa sobre a superfície do relógio. Visualize o momento da sua morte, talvez daqui a ainda muitas décadas, ou talvez a apenas alguns anos ou meses (quem pode saber?). Espere pelo ponteiro dos segundos alcançar o o marco zero, no topo do relógio, e então observe como ele registra a passagem de um minuto da sua vida. Agora imagine o relógio em uma contagem regressiva para o momento de sua morte. Tente esse exercício visualizando esse momento como daqui há algumas décadas. Repita-o visualizando o momento da sua morte no próximo mês. Na próxima semana. Hoje à noite. Pois afinal, você nunca sabe.

Agora observe os ponteiros dos minutos e das horas no relógio. O que você estava fazendo a essa hora, vinte e quatro horas atrás? Quarenta e oito horas atrás? Um mês atrás? O que você vai estar fazendo a essa hora semana que vem?

Imagine que o momento da sua morte será daqui a um mês. Considere — se você soubesse que isso era verdade, o que você estaria fazendo agora? O que você estaria fazendo a essa hora amanhã? Repita esse passo, imaginando sua morte como daqui a um ano. Faz tanta diferença assim se você soubesse o momento da sua morte para o que você estaria fazendo hoje ou amanhã?

Compare suas atividades das últimas vinte e quatro horas às atividades que você teria escolhido se você soubesse que estaria deixando esse mundo daqui a um mês ou um ano. Compare suas atividades do último mês, o último ano, a última década se você soubesse que hoje você só teria trinta dias ou doze meses restantes de vida. O quão diferente seria sua vida se você soubesse a data de sua morte? Você estaria pronto para morrer daqui a um mês ou um ano tendo levado a vida que você levou?

O mais provável é que, pelo menos até onde sabemos, a maioria das pessoas que lêem esse texto e participam nesse exercício vão viver ainda muitos anos. Mas ainda assim, observe o ponteiro dos segundos, e acompanhe-o enquanto ele registra a passagem dos minutos, contando os minutos que lhe restam enquanto eles lhe escapam. Você está vivendo a vida que você quer? Você está vivendo uma vida em que, a qualquer

momento, você poderia olhar pra trás com satisfação se você de repente se desse conta que ela iria acabar? Você está vivendo o tipo de vida que você desejaria para um ser humano, uma vida que é empolgante e plena, que é bem gasta, cada minuto dela? Se a resposta é não, o que você pode fazer no tempo que ainda lhe resta — seja ele muito ou pouco — para tornar sua vida mais parecida com aquela que você gostaria de viver? Pois todos nós só temos um quantidade limitada de tempo disponível nesse mundo — devemos usá-la com isso em mente.

Se você descobre, olhando sua vida em retrospecto, que você passou anos vivendo sem considerar a sua mortalidade, isso não é incomum, pois nosso ambiente social/cultural não nos encoraja a pensar sobre os limites que a natureza impõe em nossa vida. A morte e o envelhecimento são negados e escondidos como se fossem vergonhosos e embaraçosos. Os membros mais velhos de nossa sociedade são escondidos em "asilos" como leprosos em colônias de leprosos. Os outdoors, as fotos de revistas e os comerciais de televisão em que nossos olhos esbarram em cada esquina nos mostram apenas imagens de homens e mulheres saudáveis no auge de suas vidas. Cemitérios, que antigamente guardavam a memória dos mortos e um lugar para eles na mente dos vivos, estão agora esquecidos em bairros abandonados e cobertos de ervas daninhas. Quando um homem morre, os rituais que antes celebravam a sua vida a traziam o tema da mortalidade humana aos pensamentos dos que sobrevivem hoje são encarados como apenas uma inconveniência. A morte é rude e embaraçosa, é considerada de mau gosto — não há tempo para ela no ocupado mundo das fusões corporativas e dos novos records de consumo. Nossas agendas lotadas e revistas brilhosas não a permitem e não dão nenhuma explicação sobre como ela pode ser relevante para nossas vidas e sistema de valores. E assim mesmo, se nós pararmos e pensarmos sobre o assunto, talvez nós descobríssemos que quando consideramos seriamente os limites do nosso tempo neste planeta, acompanhar seriados televisivos e ter um bom currículo parecem menos importante do que pareciam antes. O silêncio de nossa cultura sobre a mortalidade humana nos permite esquecer quanto peso têm os momentos individuais de nossas vidas, somando-se às nossas próprias vidas. Então passamos incontáveis horas assistindo televisão ou fazendo balanço de nossas contas — horas quem em retrospecto seriam mais bem utilizadas se tivéssemos passados caminhando à beira-mar com pessoas que gostamos, cozinhando

refeições gostosas para nossas crianças ou amigos, escrevendo ficção, ou pegando carona pela América do Sul. Não é fácil para nenhum de nós entrarmos em acordo com a realidade de nossa futura morte, mas é sem dúvida melhor considerarmos isso agora do que nos arrependermos de não o termos feito quando for tarde demais.

A nossa negação da morte tem um significado mais profundo, além de suas funções como uma reação ao nosso medo da mortalidade e uma cegueira seletiva que ajuda a preservar o status quo. É um sintoma de nossa contínua luta para escapar dos ciclos de mudança na natureza e estabelecer uma permanência artificial no mundo. Nossa mortalidade é uma evidência assustadora de que não temos controle sobre tudo: então a ignoramos rapidamente, se não conseguimos nos livrar dela totalmente — um feito para o qual nossos pesquisadores médicos estão trabalhando em velocidade máxima. É válido questionar se isso é até mesmo desejável.

Desde o início da civilização Ocidental, homens e mulheres tem ansiado por dominar não apenas o mundo e uns aos outros, mas também dominar as estações, e o próprio tempo. Nós falamos do eterna grandiosidade de nossos deuses e impérios, e projetamos nossas cidades e corporações para existirem eternamente. Nós construímos monumentos, arranha-céus, que esperamos que fiquem de pé para sempre e sejam testemunhas de nossa vitória sobre as areias do tempo. Mas essa vitória só pode vir a um preço, a este preço: que nada passe e que nada venha a ser — que o mundo que criamos seja um lugar estático e padronizado que não nos guarda mais nenhuma surpresa. Nós faríamos bem em sermos cuidadosos em realizarmos nossos sonhos mais negros criando tal distopia, um mundo congelado no qual ninguém mais deve temer a morte, pois todos vivem para sempre e ninguém vive um instante sequer.

Eles comem comida morta com dentes falsos. Seus prédios têm falsas fachadas, suas estações de rádio e TV transmitem ar morto. Eles matam tempo como espectadores de falsas imagens. Suas corporações são culpadas de falsa propaganda, e suas "oportunidades" de emprego só oferecem maus-tratos perigosos, tédio letal, e submissão fatal; eles exigem que você cumpra prazos, que você arme sua barraca em campos de extermínio. A rua sem fim justifica os meios? Eles moram em cidades mortas e fazem jogadas falsas, indo a lugar nenhum, traçando dia após dia a mesma trilha de desespero. Até o seu ar é condicionado. Eles pedem que você dê sua vida por seus países, pelas suas religiões, pelas suas economias, deixando você somente com... Seu sistema é organizado por inteligência artificial e só produz realidade virtual. A sua cultura vai espetá-lo e entediá-lo até a morte, seu estilo de vida é sem vida, sua existência um círculo fechado. Tudo sobre eles é morto e falso. A única coisa insuportável é que nada é insuportável. Quando vamos exigir mais?

A luta é pela vida, pela vida real. Lute sujo, a vida é real!



A Conversão de Rimbaud em seu Leito de Morte

Arthur Rimbaud, em seu leito de morte, se converteu ao Cristianismo que tanto desprezava — abrindo um novo precedente para viver a vida ao máximo.

Rimbaud foi o segundo filho de quatro de uma filha de fazendeiros vivendo na França rural. Aos dezesseis anos de idade, ele fugiu para viver nas ruas de Paris, escrevendo poesia que era ao mesmo tempo visionária e blasfema. Ele conheceu o poeta Verlaine, na casa de quem morou até que a esposa de Verlaine o forçou a sair; Verlaine tinha se apaixonado por ele e continuava a ajudá-lo, apesar do escândalo que sua relação homossexual causou. Rimbaud criou caos em Paris, derrubando chapéus de padres nas ruas, agredindo verbal e fisicamente os poetas populares que Verlaine lhe apresentava, e destruindo o casamento de Verlaine. Os dois fugiram para o interior juntos, e então se mudaram para Londres para viver em total pobreza até que Rimbaud, com nojo de Verlaine, que alegava que não poderia viver sem ele, o deixou.

Desesperado, Verlaine atirou em Rimbaud, ferindo-o no pulso. A polícia veio e Verlaine foi preso por dois anos, por acusações de sodomia, não de assalto; enquanto isso Rimbaud fugiu para a fazenda de sua mãe, onde ele terminou a coleção de poesias que iria mudar a poesia e a escrita para sempre. Então, aos dezoito anos de idade, Rimbaud abandonou sua caneta e anunciou que estava de saco cheio de ser poeta. Ele aprendeu quatro outras línguas (Alemão, Árabe, Russo e Hindu — ele já sabia Francês, Inglês e Latim, entre outras) e saiu a viajar: ele atravessou os Alpes a pé, se juntou ao exército colonial holandês e desertou nas Índias, se juntou a um circo Alemão que fazia turnê na Escandinávia, visitou o Egito, e trabalhou no

Chipre. Durante todas essas aventuras ele contraiu sérias doenças e problemas de saúde, mas ele nunca deixou isso lhe atrapalhar. Quando tinha vinte e nove anos, ele se tornou o primeiro homem branco a viajar pela região de Ogaden na Etiópia, e seu relato (publicado nas atas da Sociedade Geográfica) atraiu o interesse de círculos acadêmicos.

Rimbaud logo se mudou para a Etiópia como contrabandista de armas, e se tornou íntimo de pessoas lá, vivendo com uma mulher nativa e tornando-se amigo do rei etíope. Ele recebeu uma carta de uma famosa revista francesa de poesia, implorando para que ele voltasse para liderar o novo movimento literário que havia surgido em torno de seus escritos, mas não se deu ao trabalho de responder. Ele não voltou à Europa até que tivesse desenvolvido um tumor no seu joelho direito, que o forçou a viajar, carregado em uma maca, os milhares de quilômetros de volta à França. Lá, sua perna foi amputada, e ele definiu aos cuidados de sua mãe e irmã cristãs até que, à beira da morte, cansado além dos limites de seu amor pela vida e pela verdade, ele se confessou a um padre — antes de falecer aos trinta e seis anos de idade.

Rimbaud sabia que era melhor não guardar nenhuma parte de si para o túmulo: ele gastou todos os recursos que ele tinha neste mundo até o último centavo — gastou dinheiro, saúde, amigos, família, sanidade, jogados como combustível para a fogueira — para que quando a Morte viesse para levá-lo Ele não tivesse nada, nem mesmo um homem com seu orgulho ou bom senso intacto. Sua vida ainda serve como exemplo para todos nós.

"Arnold Schwarzenegger foi manipulado geneticamente. Nós somos orgânicos."

— F. Markatos Dixon, membro do Grupo de Artistas Paul F. Maul, falando sobre uma intervenção de arte/terrorismo que ele realizou numa academia de fisioculturismo.

A DOMESTICAÇÃO DOS ANIMAIS... ...E DO HOMEM.

Talvez você se questione, às vezes, se estamos nos tornando envolvidos demais emocionalmente em nossa crítica da vida moderna, se toda a conversa sobre o sistema do mal e da nossa sociedade doente é somente exagero e rebeldia de juventude. Certamente é difícil dizer do ponto de vista da raça humana, com toda nossa simulação, projeção e fingimento, se o que estamos fazendo tem sentido ou não... então quem sabe, talvez as coisas não estão tão fodidas, certo ? Se você quer ter uma persepctiva se a ordem do admirável mundo novo realmente é tão ruim para nós quanto algumas pessoas dizem, então dê uma olhada em como ela afeta os outros que também tem que viver nela — os animais.

Se você faz parte da classe média, os animais que você é mais próximo (além daqueles em filmes animados e comerciais) são provavelmente aqueles que ocupam a camada correspondente da hierarquia não-humana: os animais domésticos, os presidiários de zoológicos e "artistas" de circos, os mascotes esportivos e cavalos de espetáculos. Assim como a burguesia, eles parecem ter tudo de barbada: deitados em um canto o dia inteiro, comendo e dormindo, brincando com seus mestres — mas essa não é a vida que esses animais foram preparados para ter no decorrer dos últimos milhões de anos de evolução. Os cachorros têm quatro patas para que possam correr pelo campos e desfiladeiros, e perseguir as presas, não jogar friske uma hora por semana. Os papagaios têm asas para que possam voar sobre as florestas and através paisagens selvagens, não apenas ficarem parados, de asas cortadas, em pequenas jaulas, sem nada para fazer para se manter felizes além de cantar para si mesmos e aprender fragmentos sem significados de linguagem/idioma menos musicais. Os gatos tem garras para que possam lutar e caçar, afiá-las em qualquer lugar, tem testículos e ovários que possam marcar território e ficar no cio, fazer amor e criar gatinhos. Tire tudo isso

e os deixe trancafiados. Eles ficam mal humorados, patéticos e gordos por não fazerem nada, a não ser comer comida de lata padronizada não caçada por eles. Se esperam dos animais domésticos que sejam bobos da corte, cortesãos da família moderna, que forneçam entretenimento e substituição de companhia, e que suas vidas e até corpos se ajustem de acordo. O papel deles não é de ser animais, em toda maravilhosa complexidade envolvida, mas simplesmente de ser brinquedos.

Uma olhada rápida novamente na classe média humana revela quanto similar nossa situação é. Nós também vivemos isolados de nossos companheiros em caixas pequenas e de clima-controlado, aquarizinhos completos de vegetação simulada, chamados apartamentos. Nós também somos alimentados com comida padrão, produzida em massa, que aparece como se surgisse do nada, vastamente diferente daquela comida que nossos ancestrais comiam. Nós também não temos uma válvula de descarga para nossos selvagens e espontâneos desejos, estes esterelizados e desgarrados pela necessidades de viver em cidades apertadas e subúrbios sob a limitação de convenções legais, sociais e culturais. Nós também não podemos vaguear muito longe de nossas canis, atrelados como estamos por empregos das 9 às 5; por aluguéis de apartamentos; por cercas, limites de propriedades e fronteiras nacionais. E da mesma maneira que nossos animais de estimação, nós aprendemos a nos comportar, a fazer nossas necessidades nos lugares "adequados", a nos conformar e adaptar a este pesadelo, nos tornando gordos, mal humorados, sem poder de canto.

Muito menos afortunados que nós, prisioneiros castrados (tanto animais e humanos), são os animais que formam o proletariado não-humano: as galinhas vivendo presas na própria merda em fábricas-de-ovos, com seus bicos removidos para que não possam bicar os olhos das outras; os coelhos que têm seus olhos sistematicamente



queimados para que se possa testar a segurança de shampoos; os vitelos que passam a sua miserável existência em minúsculos quadrados de madeira. Os papéis que estes animais representam correspondem àqueles de trabalhadores de fábricas, lavadores de pratos e secretárias temporários, atendentes de bonbiere de cinema recebendo salário-mínimo — e embora os chefes em pessoa podem ver a realidade, você pode apostar que o mercado os vê todos com o mesmo desinteresse calculado. O mesmo sentimento desalmado de fome-por-lucro que faz possível que a pecuária considere o holocausto anual de milhões de animais como normal e que os mantém fazendo o possível no combate à demanda por melhores condições de trabalho e salários mais altos. E assim como as vacas e as galinhas tem sido cuidadosamente procriadas, até mesmo geneticamente engenhadas, até o grau que elas não são mais capazes de sobreviver fora das suas jaulas, os trabalhadores modernos não tem mais idéia de como a vida fora do mundo de plástico e concreto do trabalho pode ser ou em como aplicar suas energias exceto debaixo de um chicote. Para onde ele iria, de qualquer maneira, se fosse escapar? Existem terras habitáveis ainda não reivindicadas, para onde ele poderia fugir? E ele não destruiria estas terras também, trazendo consigo os valores de dominação que foi envenenado por seus chefes? No final das contas, a não ser que considere uma total rejeição do capitalismo industrial, seu voô seria apenas mais um avanço da correnteza de concreto que está varrendo o globo.

Finalmente, há os animais selvagens que ainda sobrevivem em ambientes poluídos de manchas de petróleo, garrafas de plásticos de refrigerantes jogadas fora e com a poluição do ar, sem dizer nada das estradas e dos caçadores. À medida que a urbanização e suburbanização avançam impiedosamente, destruindo os recursos de seus habitats naturais, eles aprendem a sobreviver de lixo humano, ou perecem. Os pombos constroem seus ninhos usando bitocas de cigarros ao invés de galhos, ratos aprendem a viver em esgotos e em se adaptar de acordo, baratas se proliferam como os abutres da nova era. Estes animais selvagens urbanos ocupam a mesma camada da sociedade que os sem-teto, procurando entre o lixo pelas coisas essenciais para a vida, embora eles certamente se saem melhor do que seus correspondentes humanos. Os animais de subúrbio — os guaxinim capciosos, possums, esquilos, que sobrevivem nos cantos esquecidos das terras conquistadas, vivendo do que ainda resta de natural, sem mencionar dos extras e excessos da burguesia — podem ser comparados aos ocupadores, agricultores de orgânicos, punks, e caçadores-coletores metropolitanos da resistência underground. As espécies restantes, de verdadeiramente animais selvagens, como golfinhos, caribous, e pinguins, são análogas aos realmente poucos povos indígenas do mundo que ainda não perderam toda sua cultura ou foram colocados em

zoológicos. Para todos eles, o futuro parece sombrio, à medida que o vento de ferro da padronização sopra através deste planeta.

Tudo isto não é para dizer que nós saímos do rumo de um grande plano criado para nós pela "Mãe Natureza", ou que a medida da felicidade e saúde deve ser conforme o que é "natural". Toda vez que os seres humanos tentam descrever o que a "Natureza" é, eles invariavelmente a projetam de acordo com as leis que sua própria sociedade obedece, ou a atribui tudo que pensam que à sua civilização falta. Além do mais, a natureza em si é algo que muda constantemente: neste momento, o habitat natural de um poodle realmente é uma coleira e um canil. Se nós destruímos o mundo natural com a nossa "civilização", então no final das contas, isto também deve ter sido uma parte do nosso destino "natural" (pois, o que existe que não procede basicamente da natureza? A humanidade é, de alguma forma, abençoada ou amaldiçoada por poderes que são.....supernaturais?). A questão não é em como voltar à submissão ao Natural , mas ao invés, como nos reintegrar no mundo mundo a nossa volta de uma maneira que funcione. Nós somos capazes de criar um mundo em que humanos e animais possam viver harmoniosamente uns com os outros, sem divisão entre eles, sem nenhuma distinção entre o natural e o civilizado, entre o familiar e o desconhecido? Somos capazes de escapar das selvas de aço para aquelas exuberantes e verdes que persistem, sempre retornando, em nossa fantasias?



"Vocês (homem brancos) não apenas transformaram e deformaram seus primos alados e quadrúpedes; vocês também fizeram isso a si mesmo. Você transformaram homens em presidentes de administração, trabalhadores de escritórios, batedores de ponto. Vocês transformaram suas mulheres em donas-de-casa, criaturas realmente assustadoras. Uma vez eu fui convidado à casa de uma. "Cuidado com as cinzas, não fume, você vai manchar as cortinas.

Cuidado com o aquário, não encoste sua cabeça no papel de parede; pode engraxar o seu cabelo. Não vire licor nessa mesa: ela tem o acabamento delicado. Você devia ter limpado suas botas; o piso tinha acabado de ser encerado. Não não não...' Isso é loucura...

Vocês moram em prisões que vocês mesmo construíram, e as chamam de 'lares, escritórios, fábricas'"

— John (Fogo) Lame Deer e Richard Erdoes, Lame Deer Seeker of Visions



Convite para o Círculo

Procura-se:

Mulheres e homens criativos, independentes, cansados de ser exauridos pelos detalhes triviais da sobrevivência moderna, fartos do tédio do entretenimento moderno, não mais confundidos pelas distrações da mídia de massa... descontentes com a limitação de sua liberdade, de suas vidas, do seu "tempo livre". Pessoas que preferem idealismo ao realismo, e realidade à ideologia.

Para tornarem-se **revolucionários de tempo integral**. NÃO revolucionários de poltrona, não revolucionários da hora do almoço, não revolucionários do tempo de lazer. E não revolucionários "profissionais": ao invés de transformarem a revolução num negócio, devem **fazer da revolução seu negócio**. Mulheres e homens que não permitirão que seus esforços de retomarem sua liberdade torne-se apenas outro trabalho, que estão prontos pra viver de acordo com seus desejos a todo momento.

Ativistas, punks — não se contentem em viver num mundo de sua própria criação uma vez por semana, quando uma banda toca ou quando há um protesto. Busquem esse entusiasmo a cada dia, busquem essa autodeterminação todas as manhãs quando acordarem. Se perguntem: vocês querem os símbolos da rebeldia, ou a própria rebeldia?

Músicos, Artistas — procurem não "viver da arte", como faz qualquer trabalhador que vende seu trabalho (e, assim, sua criatividade) por dinheiro. Procurem fazer da arte seus estilos de vida — ou, ainda melhor, **façam da vida a sua arte**. Devemos usar nossa criatividade não para criar representações da realidade, mas para transformar a própria realidade. Concentrar nossas habilidades em qualquer outra coisa seria nos privar do mundo. Porque a vida é contagiosa: se querem fazer outras pessoas sentirem isto, devem viver ao máximo vocês mesmos, de forma que sua arte grite para elas através de vocês. Se desejam fazer arte para compartilhar com elas, primeiro devem

Interno do CrimethInc.

compartilhar a si próprios, doem-se à arte e à vida.

Seres Humanos — olhem pro mundo à nossa volta; é um mundo que nós criamos. Transformamos o velho mundo neste — mas porque este? É o mundo que teríamos escolhido, se tivéssemos considerado previamente a questão de qual o melhor dos mundos possíveis pode ser? Mas antes que se desesperem, pensem — nós criamos este mundo, o tornamos assim. Então não seria possível fazer um outro mundo diferente deste se escolhêssemos?

Junte-se a nós. Nós escolhemos viver nossas vidas para nós mesmos, fazer de cada dia uma aventura, não um ritual — perseguir nossos sonhos a qualquer custo. Talvez possamos transformar o mundo à nossa volta, da mesma forma que transformamos nossas próprias vidas. Mas transformar também pode ser uma aventura... pois nossa revolução é, ela mesma, a própria alegria que temos ao realizá-la. Escreva e ofereça sua vida se tiver coragem.



